MIGUEL REAL

O JOVEM EDUARDO LOURENÇO

The Young Eduardo Lourenço
Abstract
When Eduardo Lourenço released his first philosophy book in 1949, *Heterodoxy*, a nine-pointed constellation dominated the Portuguese philosophical and literary universe against which he asserted: the neorealist affirmation; the Marxist philosophy of Bento de Jesus Caraça and Vasco de Magalhães-Vilhena; the concept of Reason by António Sérgio; the affirmation of the Portuguese Philosophy Movement by Álvaro Ribeiro and José Marinho; the still very much alive historical legacy of the *Presence* magazine; the affirmation of surrealism; the further affirmation of the Eagle (III Series) and the question of Teixeira de Pascoaes' theory of saudade; the affirmation of the glorifying policy of Estado Novo policy; the European novelty of Existentialism.
Keywords: The Young Eduardo Lourenço; heterodoxy.

Resumo
Quando Eduardo Lourenço lançou o seu primeiro livro de filosofia em 1949, *Heterodoxia*, dominava o universo filosófico e literário português uma constelação de nove pontas contra a qual se afirma: a afirmação neorrealista; a filosofia marxista de Bento de Jesus Caraça e Vasco de Magalhães-Vilhena; o conceito de Razão de António Sérgio; a afirmação do Movimento da Filosofia Portuguesa de Álvaro Ribeiro e José Marinho;

DOI: https://doi.org/10.21747/21836892/fil41a17

o legado histórico ainda muito vivo da revista *presença*; a afirmação do surrrealismo; a ainda afirmação da Águia (III Série) e a questão da teoria da saudade de Teixeira de Pascoaes; a afirmação da política glorificante da política do Estado Novo; a novidade europeia do Existencialismo.
Palavras-chave: Eduardo Lourenço Jovem, Heterodoxia.

Na década de 1940, quando Eduardo Lourenço frequenta a Universidade de Coimbra, estudante do curso de Histórico-Filosóficas, defronta-se com um cerrado complexo de posições culturais e filosóficas, cada uma encastoada em si própria, tornada mais fortaleza ideológica do que ponto de vista filosófico.

O universo cultural e filosófico português desdobrava-se então numa espécie de estrela de nove pontas:

1.

A afirmação neorrealista, inscrita na redação das revistas *Diabo* e *Sol Nascente*, extintas em 1940, prolongada na criação da revista *Vértice* (de que Eduardo Lourenço foi um dos fundadores em 1942) a partir da direção de Joaquim Namorado, em 1945, e na publicação das obras constantes dos "Novos Cancioneiro", na poesia, e "Novos Prosadores" no romance. Após a publicação de *Gaibéus*, de Alves Redol, em 1939, de *Esteiros*, de Soeiro Pereira Gomes, em 1941 e, no campo da poesia, de *Rosa dos Ventos*, de Manuel da Fonseca, em 1940, os anos 40, década auroral e genesíaca para a abertura mental do jovem Eduardo Lourenço em Coimbra, assistem à emergência do clímax estético do neorrealismo com a publicação de um largo leque de obras dos melhores autores desta corrente, Carlos de Oliveira, Fernando Namora, Mário Dionísio, Políbio Gomes dos Santos, João José Cochofel, Álvaro Feijó, Mário Braga, e igualmente os veteranos Alves Redol e Manuel da Fonseca. Nos anos 50, já Eduardo Lourenço leciona na Alemanha e, depois, em França, inicia-se, internamente, o processo crítico do neorrealismo, com *Uma Abelha na Chuva*, de Carlos de Oliveira, publicado em 1953, e, externamente, com *Mudança*, de Vergílio Ferreira. Influenciado pelo existencialismo, Urbano Tavares Rodrigues, companheiro de Eduardo Lourenço em Paris, estilhaça o fervor prosélito rígido marxista do neorrealismo das duas décadas anteriores com *Bastardos do Sol,* de 1959, e *Os Insubmissos*, do ano seguinte. Assim, o neorrealismo para Eduardo Lourenço guardou sempre a auréola mítica de uma literatura jovem e militante, tão mais entusiasmada quanto mais ousava desprezar os processos estéticos em nome da afirmação de uma justiça social universal. Por isso, no livro por que procede ao deve e ao haver da sua relação com o neorrealistas, *Sentido e Forma da Poesia Neo-Realista*, de 1968, a crismará Eduardo Lourenço de literatura ideológica, expressão de uma filosofia

dogmática e de uma política de resistência social no campo da arte. Espantoso é – em termos de influência mental – perceber como e por que o jovem Eduardo Lourenço, convivendo em Coimbra com os grandes autores do neorrealismo, frequentando os cafés da «Baixa» com eles, porventura lendo avidamente panfletos políticos da oposição clandestina, não só não se deixou contaminar pela dialética marxista e pelo fogaréu estético do neorrealismo como os critica, em termos filosóficos, logo no seu primeiro livro, *Heterodoxia I*, de 1949, apresentando, dois anos depois, uma sólida alternativa à visão estética do materialismo histórico e dialético em «Esfinge ou a poesia», publicado em Árvore. O corte mental do jovem Eduardo Lourenço com o neorrealismo é, igualmente, um corte com Coimbra, já que muito raramente se refere às obras dos críticos literários neorrealistas de Lisboa, Pedro Ramos de Almeida, «Rodrigues Soares» / Pinto Loureiro e Mário Dionísio.

2.

Em 1939, sai a público o primeiro livro de filosofia marxista publicado em Portugal, *Progresso. História de uma Ideia*, de Vasco de Magalhães-Vilhena, colega de Eduardo Lourenço, ambos como assistentes de Joaquim de Carvalho, e, em 1941 e 42, os dois volumes de *Conceitos Fundamentais da Matemática*, de Bento de Jesus Caraça, animados igualmente por um pensamento materialista dialético. Para além do fulgor estético, representado pelo neorrealismo, tudo era novo, em Portugal, no campo do marxismo, um pensamento de justiça social e de libertação dos povos, vinculado à «Frente Popular» francesa, à Guerra Civil de Espanha, de 1936 – 39, e à luta contra o fascismo em Itália e o nazismo na Alemanha. Porém, logo em *Heterodoxia I*, Eduardo Lourenço critica ferozmente qualquer sistema de pensamento que reduza a liberdade de espírito e a liberdade de ação à determinação de uma classe social. Em contraponto ao marxismo, opõe a ética kantiana vista sob a perspetiva de uma «pluralidade infinita de consciências» (Leibniz), radicada numa «dialética da participação» (Louis Lavelle). Escapava assim o estudante Eduardo Lourenço à fortíssima e pregnante influência do racionalismo marxista, que, entre outros textos, em «Ideologia e Dogmatismo», de 1967, inserido em *Heterodoxia II,* criticará vivamente.

3.

A afirmação racionalista neo-cartesiana e neo-kantiana representada por António Sérgio, Câmara Reis e Sílvio Lima (este último seu colega na Universidade de Coimbra), por vezes de tendência socializante (António Sérgio), por vezes de tendência liberal (Joaquim de Carvalho), com forte expressão teórica e social na

revista *Seara Nova*. A opção filosófica pelo estudo de dois autores, Hegel e Leibniz (porventura influenciado por Joaquim de Carvalho, de quem foi assistente na Universidade), neutralizou a influência do neorracionalismo francês de Lachelier e Brunschvicg, de que o pensamento de Sérgio é tributário. Influência de Kant em Eduardo Lourenço, apenas, e de um modo vago, a ética, sobretudo os conceitos de «autonomia da vontade» e «liberdade», bem presentes em *Heterodoxia I*. Eduardo Lourenço colaborou na *Seara Nova*, mas o seu primeiro artigo publicado nesta revista, «Literatura e simplicidade de espírito», de 1958, que mereceu honras de primeira página, é já um libelo existencialista contra o sentido civilizacional da Europa, longe, muito longe do ideário racionalista socialista e social-democrata que a revista de Câmara Reis privilegiava.

4.

A afirmação espiritualista da «Filosofia Portuguesa», inaugurada em 1943 com a publicação do livro de Álvaro Ribeiro, *O Problema da Filosofia Portuguesa*, desencadeando uma fortíssima polémica que dividiu a intelectualidade portuguesa. Em 1955, porém, no I Congresso de Filosofia em Portugal, realizado em Braga, é já aberta uma secção de comunicações intitulada, justamente, «Filosofia Portuguesa», acolhendo institucionalmente, ainda que de fora da Universidade, a existência de um genuíno e original pensamento especulativo português. De pensamento cosmopolita, leitor de autores contemporâneos existencialistas, Eduardo Lourenço, desde os seus primeiros textos na *Vértice*, repudia a existência deste tipo de filosofia segundo a ideia diretriz (de Pe. Manuel Antunes, em «Haverá filosofias nacionais?», 1959) «se é nacional, não é filosofia; se é filosofia, não é nacional». Segundo o jovem Eduardo Lourenço, o marxismo tornara a filosofia «científica» e o espiritualismo aristotélico cristão de Álvaro Ribeiro tornara-a «nacional». Ambos os modos de pensamento constituíam, para o estudante e assistente universitário Eduardo Lourenço, duas faces de um mesmo dogmatismo (a «ortodoxia»), cuja intenção maior residia no esvaziamento da «inquietação universal» filosófica que apontava a Liberdade como fundamento da Verdade e esta como horizonte da Liberdade (posição ética de inspiração kantiana).

5.

A afirmação do legado histórico da revista *presença*, encerrada em 1940, mas ainda fortemente influente, de José Régio, João Gaspar Simões e Adolfo Casais Monteiro, que teorizava, na crítica literária, que cada texto estético deveria ser fundamentado por uma diferencialidade gramatical, ideológica, filosófica e cultural da língua e do

pensar comuns, expressão psicológica da diferencialidade do autor. Não o bizarro pelo bizarro, o estranho pelo estranho, como uma espécie de experimentalismo literário, mas o que é bizarro e estranho porque, ainda que o tema tratado seja corrente, a abordagem literária e o estilo, expressões da individualidade do autor, se constituem como absolutamente originais. Cadeia de diferenças, a história da literatura torna-se, assim, uma cadeia de individualidades singulares, de genialidades autorais que, vinculados à vida, ou o que José Régio designa por «expressão vital», representam, cada uma, picos estéticos que evidenciam a própria evolução histórica da língua. Cada obra literária é, assim, para José Régio, expressão de uma intenção profunda, original e autêntica da personalidade do autor. Conhecer a língua é conhecê-la como expressão vital e comum do todo da sociedade, mas conhecer a obra literária é evidenciar a diferencialidade singular do texto face à língua comum, ou seja, a sua expressão estética. João Gaspar Simões e Adolfo Casais Monteiro, profundamente antirracionalistas, consideram existir um «mistério» no fundo do trabalho estético sobre a língua. Reside justamente neste «mistério» a origem da obra literária, não havendo assim uma metodologia segura transmissora do seu conhecimento. Em última análise, apenas o poeta compreende o poeta, o artista o artista. A crítica literária está condenada a ser a montra do esqueleto de uma obra de arte. O crítico, caso não possua vocação artística, e, portanto, não saiba espontaneamente ressuscitar o *quid* estético presente no texto, torna-se um mero jornalista que não atinge o coração do leitor, apenas atinge a sua razão, suprema perversão da pedagogia que, em vez de atrair, força a memorizar para compreender. A crítica da poesia feita por quem a não sente apenas realça esquemas formais que, por natureza, asfixiam o «élan vital» criador da arte. Suprema forma de arte, a poesia é incomunicável caso o leitor não tenha experimentado sensações, sentimentos, emoções semelhantes às descritas no poema. O romance, diferentemente, pode ser transmitido, não o seu sangue (o estilo do autor), não os seus nervos (as situações emotivas que narra), mas o seu esqueleto, a estrutura da ação, a intriga, a descrição da personalidade das personagens. Depois de uma inclinação para os textos dos autores neorrealistas, seus colegas em Coimbra, como crítico literário da *Vértice*, Eduardo Lourenço publica, quatro textos cujo conteúdo o afasta decididamente da estética presencista: em 1951, o citado «Esfinge ou a poesia"; em 1955, «*Orpheu* ou a poesia como realidade»; neste mesmo ano, *O Desespero Humanista de Miguel Torga e o das Novas Gerações*; em 1957, «O irrealismo poético ou a poesia como mito», onde, pela sua metodologia nova, evidencia, por um lado, um corte radical com a tradição do estatuto da obra como reflexo da biografia, das sensações, dos sentimentos, dos pensamentos e das peripécias da vida do autor, de que Régio é direto sucessor com o *distinguo* de considerar o autor como genial, e, logo, possuir uma biografia exótica ou «diferente». Do mesmo modo, devido à influência europeia existencialista em Eduardo Lourenço, que atinge o pico justamente entre 1952 e 1956, este considera a poesia da *presença* (José Régio) e de Miguel Torga (dissidente da *presença* desde 1930) como renovação e atualização,

em época de profundo drama histórico (duas Guerras Mundiais) da expressão lírica e angustiada («desesperada») da consciência poética tradicional e permanente na história da poesia portuguesa. Em 1960, num artigo de duvidoso e politizado título, «*Presença* ou a contrarrevolução do modernismo português» (inicialmente sem ponto de interrogação, depois com este após crítica de Adolfo Casais Monteiro), Eduardo Lourenço estatui esta revista como profundamente marcada pelo veio lírico e melancólico poético português, mais próximo de António Nobre, Guerra Junqueiro e Teixeira de Pascoaes do que de *Orpheu*, de Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro, de cuja poesia Régio se autoconsiderava difusor e continuador.

6.

A afirmação surrealista, provinda de Lisboa, através da obra poética de Cruzeiro Seixas, António Maria Lisboa e, sobretudo, de Mário Cesariny de Vasconcelos, que Eduardo Lourenço, sem nunca lhe ter dedicado um artigo analítico (como o fez a Eugénio de Andrade, a Sophia de Mello Breyner Andresen ou a António Ramos Rosa), considerava a verdadeira sucessora da «aventura ontológica» da ilimitadíssima liberdade poética de *Orpheu*.

7.

A afirmação do novo espiritualismo filosófico desde 1911, com a fundação por Teixeira de Pascoaes da «Renascença Portuguesa» e a publicação da II série da revista *A Águia*, erigindo a «saudade» como o coração de Portugal e o sentimento permanente e unitivo da cultura portuguesa, diferenciador da dos restantes povos europeus. Teixeira de Pascoaes surge, assim, aos olhos do estudante Eduardo Lourenço, tanto como o grande poeta de *Marânus* (elemento positivo) quanto como o propugnador de um nacionalismo português encastelado no interior de si próprio (elemento negativo), espécie de prolongamento social diferido do casticismo neogarrettiano, que Eduardo Lourenço recusará, considerando-o, posteriormente, como expressão do «labirinto» (a saudade) enviezador e sem saída da cultura portuguesa e da história de Portugal ao longo de cerca de três séculos (XVII a XX).

8.

A afirmação política glorificante e esfuziante do nacionalismo do Estado Novo (Exposição do Mundo Português, em 1940), transformando o espiritualismo legítimo e vivo de Teixeira de Pascoais e Álvaro Ribeiro em Providencialismo, isto é, segundo

Eduardo Lourenço, no «irrealismo prodigioso» por que Portugal, país politicamente frágil e culturalmente pobre desde o século XVII, substitui a consciência real da sua fragilidade internacional e menoridade política, pela consciência heróica passada de povo pioneiro dos Descobrimentos. A esta exaltação e glorificação do passado, cuja leitura perversa foi realizada em perfeição pelo Estado Novo em *Mensagem*, de Fernando Pessoa, cortina ilusória de um presente de miséria económica, Eduardo Lourenço propõe, em 1949, no primeiro capítulo de *Heterodoxia I*, um «Diálogo com a Europa».

9.

Finalmente, a afirmação existencialista, corrente de pensamento europeu mais importante entre as décadas de 1930 e 50, a cuja influência Eduardo Lourenço não fica imune, principalmente a partir das obras de S. Kierkegaard e de A. Camus, mas também não adere. Como filosofia, Eduardo Lourenço tematiza o existencialismo em dois longos artigos para a *Revista Filosófica,* de Joaquim de Carvalho (nºs 10 e 12, de Maio e Dezembro de 1954), intitulados «A situação do existencialismo», pelo conteúdo dos quais se constata a sua "visão sociológica" do existencialismo como um pensamento do "fim" ou do esgotamento da civilização ocidental desde a profunda rutura ontológica assinalada pela obra de Nietzsche, da obra poética do «modernismo» francês (Baudelaire, Verlaine, Rimbaud…) e da obra estética em geral desde a emergência dos pintores impressionistas. Porém, juntamente com a interpretação ontológica da poesia de *Orpheu*, Lourenço analisa não o existencialismo como doutrina (J.-P. Sartre, Martin Heidegger, Gabriel Marcel), mas a atmosfera mental existencialista, ateia, individualista, crítica de posições essencialistas ou substancialistas em filosofia, valorizadora tanto ou mais do universo sensível e sentimental (os «existenciais» de Heidegger; a «emoção» de Sartre) do que do racional, irrompe muito cedo no pensamento do jovem Eduardo Lourenço, tanto no texto «Nada - um invulgar romance espanhol ou a metafísica que um romance suporta», (*Seara Nova*, nº 1089, 1948), quanto no texto «Literatura e simplicidade de espírito», (*Seara Nova,* nº 1078, 1948), quanto, ainda, em «Ideia de uma historiografia existencial do pensamento português» (*Unicórnio*, ed. José-Augusto França, 1951), em cujo título utiliza um sucedâneo da palavra «existencialismo».

Este era, em síntese brevíssima, o universo cultural que acolheu o caloiro Eduardo Lourenço quando subiu pela primeira vez a escadaria da Universidade. A longa maturação do processo de crítica aos nove raios do complexo cultural português de meados do século XX iniciou-se em 1949, com a publicação do seu primeiro livro, e só terminou em 1978, ano de publicação do seu livro maior, *Labirinto da Saudade. Psicanálise Mítica do Destino Português*. A esse desconforto intelectual que sentira face aos sistemas estéticos, ideológicos e filosóficos que se lhe ofereciam, designou-o,

aos 26 anos, por «heterodoxia», mais visando exprimir a inquietação de quem não se sente bem em casa alheia do que construir uma nova e real casa alternativa. Duas certezas tinha o jovem Eduardo Lourenço, de que Portugal vivia culturalmente em estado comatoso («Europa ou o diálogo que nos falta»), e de que a causa deste estado de decadência agónica, sublimado numa ilusória política imperial grandiloquente, residia na identificação ontológica entre «Verdade» e «Absoluto» (Deus, a Razão, a História, a Classe Social), isto é, na permanência transversal à sociedade portuguesa (Estado e Oposição) da «ortodoxia», justamente definida por atitude ética dogmática e rígida, crente num total conhecimento do Homem, da História e, sublime histeria, maravilha do desassombro português, de Deus. Eduardo Lourenço, jovem, definiu-se como «heterodoxo» porque se sabia justamente dominado pela inquietação da verdade, não pela sua posse, e, buscando-a, sentia um Nada sem face nem voz, emergido entre os livros de todos os filósofos, que angustiosamente lhe garantia ser a Verdade irmã-siamesa da Liberdade. Ser heterodoxo aos 26 anos não é ter para oferta um sistema filosófico constituído. É, ao contrário, não ter outro horizonte que o do deserto, outro céu que o negro do terror da ausência de toda a certeza e outro chão que a insegurança intelectual para, na ação, tomar uma posição firme e determinada. Ser heterodoxo como o era o jovem Eduardo Lourenço significava mais a afirmação da coragem de recusar e contestar as duas ortodoxias omnipotentemente dominantes (o catolicismo dogmático de Gonçalves Cerejeira e o comunismo dogmático de Álvaro Cunhal) do que prestar um conteúdo argumentativo concreto à sua posição. Em 1960, onze anos depois, o já não jovem Eduardo Lourenço, no «Segundo prólogo sobre o espírito da heterodoxia» (só publicado em 1987), confessa o fracasso da heterodoxia, não rara confundida com o racionalismo iluminista e auto-suficiente de António Sérgio. Com efeito, a ortodoxia impregnara de tal modo "organicamente" o tecido mental português que ser ortodoxo (assumir posições sólidas, absolutamente verdadeiras e totalmente incontestáveis) era ser português. Mas Eduardo Lourenço não desistiu. Em cerca de trinta artigos e três ou quatro livros foi apresentando uma alternativa à visão portuguesa da Verdade – figurou e praticou uma nova crítica literária (de que só sentia companheiro na aventura o longínquo Jorge Sena, a residir em São Paulo ou em Santa Bárbara, e, mais perto, em Lisboa, Vergílio Ferreira, outro «heterodoxo»), contestando a crítica literária impressionista, presencista, neorrealista e estilística (de Dámaso Alonso, praticada em Portugal por Jacinto do Prado Coelho); contestou as interpretações biografistas, psicológicas, sociológicas e estilísticas de Pessoa, os seus mais importantes artigos eram publicados em revistas minoritárias (Árvore, Cadernos do Meio-Dia, os *Córnio* de José-Augusto França, *Europa*, de Urbano Tavares Rodrigues), poucos na *Colóquio-Letras*; as suas críticas tornaram-no o arauto de uma nova geração de poetas (Eugénio de Andrade, Sophia, Raul de Carvalho, António Ramos Rosa, Egito Gonçalves…) e de uma nova geração de romancistas (Almeida Faria, Artur Portela, Filho, José Cardoso Pires, Maria Velho da Costa…); contestou a dialética hegeliana e marxista

e desenhou uma nova filosofia, inspirada em Nietzsche (o conceito de "decadência" da Europa), em Leibniz (as "inumeráveis consciências"), no existencialismo (o «Nada» ou a «Ausência de Ser») e no individualismo concreto, sofrido e sofrente, feito de tremor e terror, de Kierkegaard; contestou o totalitarismo, afirmando-se pela existência de uma "democracia adulta" em Portugal; libertou-se da inspiração sergiana da juventude presente em «Europa e o diálogo que nos falta» e propôs, desde 1958, em «Exército ou a cortina da ordem», uma nova definição do ser português, o "irrealismo prodigioso", a capacidade de nos ausentarmos face a problemas reais e de nos deliciarmos nas nuvens do imaginário, tendo como permanente padrão de comparação a gesta heroica dos Descobrimentos, nossa pátria de sonho. Em 1978, vinte e nove anos depois, esgotado de pensamento solitário, Eduardo Lourenço deu à luz *Labirinto da Saudade* e Portugal, que até então o ignorara, com exceção de um pequeno número de intelectuais, reconheceu-o como o pensador da «Portugalidade», da «identidade nacional», o novo «filósofo» português. A heterodoxia cumprira-se, era aceite, recusada, debatida, criticada, pertencente ao domínio geral. Com a perda do Império, a solidificação da democracia e, sobretudo, com a adesão e entrada de Portugal na Comunidade Europeia (1980, 1986), o relativismo cético e a atitude crítica, dubitativa, fonte da investigação e da insatisfação, generalizaram-se, matando as ortodoxias por ausência de motivação, e, desde 1976, impera em Portugal, generalizada, a visão eduardina ou laurentina[1] da permanente mas incompleta complementaridade entre Verdade e Liberdade – a sua tese de 1949: a Liberdade como fundamento da Verdade e esta como horizonte da Liberdade.

O triunfo da heterodoxia acompanhou a sua morte. As ortodoxias dogmáticas tinham desaparecido e cada português lúcido era, agora, sem o saber, um heterodoxo. Seguindo o movimento geral social, o português tornara-se sem esforço heterodoxo, digamos que se tornara um heterodoxo inocente, sem culpa nem remorso do tempo angustiosamente sofrido pelo "pai" da sua heterodoxia, aquele que vira na liberdade a constitutividade intrínseca de cada homem e, recusando as «hossanas» católicos e os «amanhãs que cantam» comunistas se exilara voluntariamente em 1954, buscando pátrias livres e pensamentos livres. O lema político erguido por Mário Soares em 1975, na Alameda da Fonte Luminosa, em Lisboa, «A Europa Connosco», constituiu a expressão social concreta do triunfo da heterodoxia. Em 1978, com a publicação de *Labirinto da Saudade*, realiza-se teoricamente. Triunfo da heterodoxia em 1978, morte da heterodoxia em 1978. Morte por dissolução no corpo da sociedade. A heterodoxia tornou-se o ar respirado pela nova geração de portugueses europeus. E, como o ar, tornara-se invisível.

[1] Habitualmente, designamos o pensamento de Eduardo Lourenço por "eduardino", Maria Manuel Baptista por "lourenceano" e Carlos Leone por "laurentino". Não raro, aproximamo-nos de Carlos Leone, mas não de "lourenceano", muito menos de "lourencista", como ouvimos referir num colóquio na Guarda. Como o cânone de interpretação do seu pensamento se encontra em processo de feitura, devemos esperar uma boa dezena de anos para se saber qual o designativo que imperará.

Porém, vendo na Europa o eldorado bem-aventurado da Terra sem Mal, tornámo-nos europeus com a mesma inocência angélica, isto é, ingénua e dogmática, com que no passado fôramos imperiais e colonialistas, como a ortodoxia católica imaginara ser Portugal o Paraíso terrestre sob o Estado Novo e como a ortodoxia comunista imaginara ser a União Soviética o «Sol da Terra». Neste sentido, tornámo-nos heterodoxos porque a democracia e a liberdade a isso nos impunham, mas, dentro da heterodoxia, logo buscávamos uma Terra Prometida, mãe consoladora e remédio de todos os males. Povo «irrealista», tornávamos acéfala e acriticamente a heterodoxia na mais violenta ortodoxia, motor pensante da maioria dos políticos portugueses desde os anos 90. Era então preciso ressuscitar a heterodoxia, a genuína, não a de massas. E Eduardo Lourenço, desde os princípios da década de 1980, ressuscita-a, repensando a Europa, de que dois livros seus dão plena expressão – *Nós e a Europa ou as Duas Razões* (1988) e *A Europa Desencantada. Para uma Mitologia Europeia* (1994). Nestes dois livros, absolutamente marcantes do pensamento europeu dos finais do século XX, Eduardo Lourenço, recusando o apelo do ilusório cântico embalador das sereias, que canta a benignidade paradisíaca da Europa, evidencia que este continente se encontra hoje tão decadente quanto Portugal o fora desde o século XVII, e que Europa, desde a Guerra do Golfo (1991), saiu para «fora da História», em nada internacionalmente contando senão para dar apoio à potência unipolar Americana, esta sim, fautora triunfante da História. A morte do Portugal imperial coincide com a morte da Europa, caminhando ambos para o «grande sono» dos povos desprezados pela História, como o chinês e o grego, adormecidos ao longo de dois mil anos depois de terem atingido um clímax civilizacional inaudito.

Após a Queda do Muro de Berlim, em 1989, a implosão da União Soviética em 1991 e a exuberância cultural, política e militar dos Estados Unidos da América – única superpotência mundial -, Eduardo Lourenço debruça-se sobre o que inicialmente designou por "planetarização", depois «mundialização» americana e atualmente designa, como todos nós, por «globalização» – é um novo pensamento seu aplicado ao estilo de vida e à cultura americana fundada no prazer e no divertimento, que designa pela cultura da «Disneylândia». A heterodoxia entra assim, a partir de 1998, com a publicação de *Esplendor do Caos*, cujo artigo homónimo deveria ser de leitura obrigatória em todos os cursos superiores do país, mesmo os de veterinária, mas sobretudo as de sociologia, cujos professores se tornam obtusos governantes, numa terceira e última fase.